



ANPEGE

Associação Nacional  
de Pós-Graduação e  
Pesquisa em Geografia

SEÇÃO TEMÁTICA  
**GEOGRAFIAS NEGRAS**

REVISTA DA

**AN  
PE  
GE**

ISSN 1679-768X

VOLUME

**19**

N. 38 (2023)



## APRESENTAÇÃO

Entendemos que tratar a diferença é fundamental e saudável para qualquer sociedade, visto que nascemos diferentes e nos tornamos parte de sujeitos também diferentes. Se assim é verdade, então a universalidade também se constitui de sujeitos diferentes. Como vimos, o negro se constitui como um dos sujeitos legítimos da sociedade brasileira, não reconhecer esse fato é ignorar a própria história nacional. São “pessoa-para-si” que se tornam “pessoa-para-o-outro” e constroem a vida desde muito tempo.

Andreilino Campos – A particularidade do movimento negro enquanto sujeito da história

Esta Seção Temática Geografias Negras é um marco na publicação da Revista da ANPEGE e expressa rupturas de invisibilidade, ainda tímidas no mundo acadêmico brasileiro, mas demarca a existência de individualidades que se afirmam por meio da autoria como sujeitos de conhecimento. Assim, para uma apresentação condizente, há alguns marcadores a evidenciar.

No texto do *Manifesto Por uma Geografia Negra*, lido na assembleia final do XXI ENANPEGE, em 2019, na Universidade de São Paulo, vemos a apresentação de um sujeito coletivo: “Somos um movimento composto por geógrafos/as negros/as, em distintas trajetórias de formação e atuação, que dirigimos nossos estudos e pesquisas para as questões negras, raciais, étnicas e africanas, por vezes correlacionando-as com etnicidade, gênero e sexualidade em suas dimensões espaciais”. Tal afirmação não conduz a uma perspectiva única de um saber-fazer geográfico, como vemos nesta seção temática. O diferencial nessa composição é que é formada por sujeitos como ocorre em outros movimentos sociais e não por temática, como é habitual nos eventos e em outros processos formativos. As Geografias Negras se interceptam com a Geografia das Relações Étnico-Raciais, também demandada pelo movimento negro acadêmico, no entanto, constituindo uma temática, passível de ser realizada por pessoas de vários pertencimentos.

Desse horizonte, surge a Lei 10630 de 09 de janeiro de 2003 que institui a obrigatoriedade da inserção da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira em todos os níveis e áreas do ensino. Onde se lê História, pode-se ler Geografia. No conjunto dos temas aqui apresentados, chama a atenção a articulação com as questões do ensino e da prática docente, apesar da pouca presença de trabalhos na pós-graduação. Mesmo assim, há estudos que visam produzir uma leitura do país considerando a presença negra em diversas possibilidades: na produção de territórios, nas práticas culturais, questionando a geografia escolar e a educação etc. O tema do racismo na escola e o cumprimento da Lei 10639/2003 continua sendo uma batalha árdua e a própria BNCC basicamente tangencia tais questões.

Há espaços em que essas temáticas e essas trajetórias tendem a ficar explicitadas: nos eventos, nas mesas-redondas, na condução e organização de atividades, na condução das entidades, nos espaços institucionais das universidades e tantos outros



Merece destaque a quantidade de autoras, posto que, há duas décadas, as mulheres negras eram raras nos cursos de pós-graduação.

Sabemos que o repertório temático pode ser ampliado, o que se relaciona diretamente com a recepção das Geografias Negras nos programas, linhas e grupos de pesquisa. Listamos alguns temas que fazem parte dessa possível agenda, como as questões da justiça ambiental, de gênero e sexualidade; a interpretação das práticas espaciais urbanas contemporâneas; a representatividade negra em cenários econômicos e políticos; espaços da educação geográfica, da geografia urbana, das questões da paisagem e da natureza, da geografia econômica e do planejamento, também as práticas e leituras da geografia cultural; a luta antirracista nos territórios; as biografias e as obras de intelectuais na história do pensamento geográfico; autorias e epistemologias negras na Geografia. Há demandas por trabalhos que se ocupem de entender a condição das coletividades negras nos dois lados oceânicos da diáspora.

Emitimos duas ordens de agradecimento. Às autoras e autores que atenderam à chamada e participaram com diligência do processo de revisão dos artigos. E a cada parecerista que contribuiu com reconhecido afincio. Vale ressaltar que receberam a convocação por trabalharem com questões raciais, negras, quilombolas ou de gênero sobretudo no âmbito da geografia, o que indica um cenário promissor do campo em foco. Que dessas leituras se ampliem os diálogos.

#### Coeditores da Seção Geografias Negras

**ALEX RATTS**

Universidade Federal de Goiás

**MANOEL MARTINS DE SANTANA FILHO**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro